

**DAS TECNOLOGIAS ANCESTRAIS AO WHATSAPP: INTERATIVIDADE E
AUTORIA EM PERSPECTIVA**

**FROM ANCESTRAL TECHNOLOGIES TO WHATSAPP: INTERACTIVITY AND
AUTHORSHIP IN PERSPECTIVE**

Recebido em: 12/12/2024

Aceito em: 30/03/2025

Publicado em: 09/06/2025

Anna Maria Moura¹ 
Universidade Federal de Mato Grosso

Ariana Carla Figueira da Silva² 
Universidade Federal de Mato Grosso

Victória Arruda Germano³ 
Universidade Federal de Mato Grosso

Aline Wendpap Nunes de Siqueira⁴ 
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: Este artigo investiga a intersecção entre a tese Humor e Interatividade: O que o WhatsApp tem a ver com isso? (Siqueira, 2017) e a pesquisa desenvolvida por Anna Maria Moura para o documentário Aterro, Tecnologia Ancestral (2023). A análise destaca como a comunicação digital e as práticas culturais tradicionais se interconectam e se complementam, problematizando a relação entre inovação e ancestralidade. A partir do conceito de "sujeito interautor", são exploradas as dinâmicas de interação e autoria na cibercultura, contrastando-as com a folkcomunicação e a preservação dos saberes locais. O estudo demonstra como as novas mídias não substituem, mas reconfiguram práticas comunicativas tradicionais, promovendo um diálogo entre o global e o local. Além disso, a pesquisa evidencia como a bricolagem e a gambiarra, presentes tanto no audiovisual quanto na comunicação digital, atuam como estratégias de resistência cultural e inovação criativa.

Palavras-chave: Comunicação Digital; Tecnologias Ancestrais; Interatividade; Folkcomunicação; Cibercultura.

Abstract: This article investigates the intersection between the thesis Humor and Interactivity: What does WhatsApp have to do with it? (SIQUEIRA, 2017) and the research developed by Anna Maria Moura for the documentary Aterro, Tecnologia Ancestral (2023). The analysis highlights how digital communication and traditional cultural practices interconnect and complement each other, problematizing the relationship between innovation and ancestry. Based on the concept of "interauthor subject", the dynamics of interaction and authorship in cyberculture are explored, contrasting them with folk communication and the preservation of local knowledge. The study demonstrates how new media do not replace, but rather reconfigure traditional communication practices, promoting a dialogue between the global and the local. In addition, the research highlights how bricolage and

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Graduada em Comunicação Social/Radialismo e Tecnóloga em Teatro pela UNEMAT. E-mail: anna.moura@sou.ufmt.br

² Mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso. Graduada em Pedagogia, Administração e em Tecnologia em Teatro pela UNEMAT. Email: ariana.cfs@hotmail.com

³ Mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Graduada em Pedagogia pela UFMT. Email: germanoavick@gmail.com

⁴ Doutora e Pós-Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora permanente do PPGECO-UFMT. E-mail: aline.siqueira@ufmt.br

makeshift practices, present in both audiovisual and digital communication, act as strategies of cultural resistance and creative innovation.

Keyword: Digital communication. Ancestral technologies. Interactivity. Folk communication. Cyberculture.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo explorar a intersecção entre a tese de Aline Wendpap Nunes de Siqueira, intitulada “Humor e Interatividade: O que o *whatsapp* tem a ver com isso?”, defendida em 2017 e publicada como livro em 2020, e a pesquisa desenvolvida por Anna Maria Moura para o documentário “Aterro, Tecnologia Ancestral” (2023). A análise visa perceber como essas duas pesquisas, aparentemente distintas – uma centrada na comunicação digital e outra nas práticas culturais tradicionais – interagem e se complementam.

A figura 1, que ilustra a ancestral arte da pesca, serve como ponto de partida para a discussão, levantando questões sobre o impacto e a relevância dessas práticas e tecnologias no contexto contemporâneo. Orbitando em torno dos conceitos de interação, interatividade, da autoria e do conceito de "sujeito interautor"; a análise aqui se desdobra por meio de pequenas reflexões que iluminam os elos entre a comunicação global mediada pelas plataformas digitais e as tecnologias ancestrais, frequentemente marginalizadas, que perduram nas comunidades locais. O diálogo entre esses dois universos revela como as práticas ancestrais podem informar e enriquecer os debates contemporâneos sobre inovação e sustentabilidade. Destaca-se a necessidade de considerar e valorizar essas tecnologias tradicionais como parte integrante de um sistema de conhecimento global.

Figura 1 – Pescados do rio Xavantinho (MT).



Fonte: Acervo pessoal Anna Maria Moura.

DO PERCURSO DO CELULAR ÀS ANTIGAS TECNOLOGIAS

O documentário “Aterro” (Moura, 2023) adota uma perspectiva centrada no local, destacando o papel das tecnologias tradicionais, como o rádio e a televisão nas comunidades ribeirinhas. Moura (2023) examina como essas tecnologias ancestrais moldam a vida cotidiana e as práticas culturais, oferecendo uma visão contrastante com a globalização das mídias digitais.

Enquanto isso, no contexto da cibercultura, as pesquisas em comunicação revelam uma complexa rede de elementos que muitas vezes se complementam, mas também se confrontam, evidenciando a coexistência entre práticas comunicativas tradicionais e modernas, bem como os desafios pelas transformações tecnológicas que ocorrem e de forma acelerada. A tese sobre humor e interatividade, explora o impacto global do *whatsapp*, destacando como essa plataforma transforma as interações sociais e a comunicação no cotidiano. O estudo detalha como o *whatsapp*, enquanto ferramenta de comunicação digital, cria novas formas de interação e participação, influenciando a maneira como as pessoas se conectam e compartilham informações.

Ambas obras revelam um movimento de resistência cultural frente às inovações tecnológicas, enfatizando a relevância das narrativas locais no fortalecimento das identidades coletivas. Essa abordagem comparativa ressalta a importância de compreender como coexistem diferentes contextos tecnológicos, redefinindo fronteiras entre o tradicional e o contemporâneo.

A figura 2, que mostra o interior do chapéu de palha com rádios conectados, simboliza essa conexão entre tecnologias tradicionais e a comunicação moderna. No contexto das novas tecnologias, devemos destacar que elas não substituem as práticas comunicativas tradicionais, mas promovem sua reconfiguração, criando uma coexistência dinâmica entre os modos de comunicação pré-existentes e os emergentes. Conforme já apontava Pierre Lévy no final da década de 1990.

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (ma-teriais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Levy, 1999, p.17).

Figura 2 – O interior do chapéu de palha e os rádios que estabelecem conexão.



Fonte: Acervo pessoal Anna Maria Moura.

Um exemplo claro de como essas relações se entrelaçam e dialogam dentro de um mesmo contexto histórico é observado nas seguintes citações:

No Brasil, a inserção dos celulares acontece desde 1990, até este momento, toda a telefonia do país era controlada pelo Estado. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1994 a 2002), acontece um grande processo de privatização das estatais e a concessão dos direitos de exploração dos serviços de telefonia é distribuída entre três grandes corporações. Este processo fez com que a telefonia brasileira se expandisse, porque, como aponta Dantas (2002), obrigou as antigas estatais e as novas empresas que se instalavam a realizarem grandes investimentos no setor. Já a implantação dos planos pré-pagos e a política de incentivo ao consumo, executada na Era Lula (2003 a 2012), massificou a possibilidade de aquisição de aparelhos, principalmente entre as classes de menor poder aquisitivo. [...] (Siqueira, 2020, p. 37).

Por outro lado, Moura descreve a partir de sua experiência pessoal a introdução das novas tecnologias em sua comunidade. Para ela, a instalação da primeira estação telefônica representou não apenas um avanço tecnológico, mas uma mudança significativa na organização social. Em sua perspectiva, o progresso tecnológico trouxe transformações que foram mais do que apenas melhorias técnicas, mas afetaram profundamente as práticas e as percepções locais.

A primeira estação telefônica, no bairro onde moro, era um orelhão no centro comunitário isso significava um avanço tecnológico, que seria o início de uma era de telefones residenciais, banda larga, internet, fibra ótica em casa, smartphones e tudo mais que se dizia da comunicação globalizada, mas pra mim, significava apenas que a viagem futurista até a estação telefônica da Barão de Melgaço seria cancelada em prol da organização arcaica [...] (Moura, 2023, p. 10).

Outro ponto relevante na tese “Humor e Interatividade” é a citação de Lúcia Santaella (2003), que enfatiza que não devemos reduzir as transformações culturais ao mero surgimento de novas tecnologias e meios de comunicação. De acordo com Santaella, são as mensagens que circulam, os signos que se propagam e as interações entre os sujeitos que

verdadeiramente transformam o contexto sociocultural, redefinindo a maneira como pensamos e vivemos.

Em Siqueira (2020) vê-se a definição de Lúcia Helena Vandrúsculo Possari sobre o processo de interação como uma forma de comunicação bidirecional entre indivíduos, onde há troca de mensagens e respostas entre os participantes. Enquanto a interatividade avança para um nível mais profundo de envolvimento, onde o público não é apenas um receptor passivo de informações, mas participa ativamente da criação e modificação do conteúdo.

Nesse ambiente, a autoria se torna descentralizada, pois, no espaço digital, as barreiras tradicionais entre autor e leitor se desfazem, permitindo que qualquer pessoa possa exercer os papéis de autor e leitor simultaneamente. Esse conceito é crucial para entender a dinâmica de “Aterro”, que se concentra nas interações locais e pessoais. Enquanto as novas mídias tendem a criar interações em uma escala global, “Aterro” nos oferece uma visão mais intimista, explorando como as práticas culturais locais moldam e são moldadas pela comunicação cotidiana. Ao evidenciar essas práticas locais, “Aterro” enfatiza a importância de preservar os saberes ancestrais, demonstrando como eles podem coexistir com a modernidade sem perder seu valor histórico e cultural. Esse contraste entre o local e o global reforça a necessidade de uma abordagem comunicativa que valorize tanto as narrativas globais quanto as particularidades culturais das comunidades.

Na tese “Humor e Interatividade”, a transformação trazida pelo *whatsapp* é um exemplo claro dessa mudança de perspectiva. A plataforma vai além de ser apenas um meio de comunicação; ela facilita um tipo de interação onde todos os participantes se tornam simultaneamente leitores, autores e coautores. Nesse ambiente digital, os usuários não só consomem conteúdos, mas também criam e compartilham mensagens que muitas vezes reinventam tradições ou refletem aspectos da cultura popular em tempo real. A comunicação no *whatsapp* é, portanto, uma construção coletiva, onde a troca constante de mensagens gera um espaço contínuo de autoria e reinterpretação, permitindo que o conteúdo evolua de maneira dinâmica e colaborativa.

No documentário “Aterro” (2023), Anna Maria Moura recorre à teoria da Folkcomunicação, idealizada por Luiz Beltrão, para celebrar e documentar as manifestações culturais locais. O filme tem a intenção de destacar práticas culturais da comunidade ribeirinha, como as festividades e tradições alimentares, que representam formas autênticas de comunicação e expressão cultural. Essas práticas não são apenas formas de entretenimento, mas verdadeiros reflexos do pensamento e da sensibilidade do povo.

Em contraste com as representações midiáticas tradicionais, que muitas vezes são distantes e genéricas, o documentário mostra como essas expressões culturais locais oferecem uma visão genuína e conectada à vida cotidiana das comunidades. Além disso, essas práticas culturais também são compartilhadas em grupos de *whatsapp*, dentro da comunidade/família, como mostrado na figura 3. Isso revela outra camada de interação: o abate de criação para o comércio de subsistência, que, embora seja uma prática ancestral, também encontra seu lugar no contexto das novas mídias, ilustrando como o tradicional e o moderno podem coexistir e se influenciar mutuamente.

Figura 3 – Abate da criação de galinhas e patos.



Fonte: Arquivo do *whatsapp* do grupo da família de Anna Maria Moura.

Outra obra que contribui aqui para a discussão sobre a evolução da autoria na era digital é a dissertação de Waleska Morais (2021), que se debruça sobre a cibercultura e o letramento poético, abordando o conceito de "lautor". Termo descreve uma fusão inovadora entre leitor e autor, assemelhando-se ao conceito de interautor. Morais (2021) explora como, na era digital, as tradicionais barreiras entre criação e consumo se tornam cada vez mais fluídas e indistintas.

De acordo com Rojo (2013), o conceito de lautor no ciberespaço é fundamental, porque permite que os usuários participem ativamente do texto, seja por meio da leitura, escrita, comentários ou remixagem. Essa participação contínua dissolve as antigas fronteiras entre leitura e autoria, criando um ambiente onde as atividades de criação e consumo se interpenetram constantemente. Como ressalta Rojo (2013), “o termo lautor se refere à diluição das fronteiras entre leitura-autoria” (Morais, 2021, p. 9 apud Rojo). Esse conceito ganha relevância em um contexto de comunicação digital em que plataformas como redes sociais, fóruns e aplicações permitem a interação constante entre os usuários, transformando-os em cocriadores de conteúdo. Além disso, essa dinâmica promove um fluxo contínuo de inovação e colaboração, desafiando os modelos tradicionais de autoria e exigindo novas formas de análise e

compreensão das práticas culturais e comunicativas.

A relevância dessa fusão de papéis se torna ainda mais evidente nas plataformas digitais modernas, onde os usuários não são apenas consumidores passivos de conteúdo, mas se tornam coautores e cocriadores. Eles moldam significados e narrativas dentro de um espaço coletivo, colaborando para a construção e adaptação de mensagens e histórias. Nesse contexto, tanto o autor quanto o interautor desempenham papéis semelhantes aos de verdadeiros *bricoleurs*, reinventando e remixando conteúdos com os recursos que têm à disposição.

Bricoleur é alguém que trabalha com as mãos e usa meios indiretos, se comparados aos do artesão. O *bricoleur* é adepto de realizar um grande número de tarefas, mas ele não subordina cada uma delas à disponibilidade de matéria-prima e instrumentos concebidos e procurados para o propósito do projeto. Seu universo de instrumentos está próximo, e as regras do seu jogo são sempre fazer, com qualquer coisa que ele tenha à mão” (Rocha, 2017, p. 63 apud Lévi-Strauss, 1966, p. 38).

Um exemplo concreto dessa prática pode ser visto nas obras de Camila Soato, cuja estética da fuleragem é destacada na figura 4. Suas obras ilustram como o processo criativo digital permite a combinação e a transformação de elementos diversos, resultando em novas formas de expressão artística e literária. Camila Soato (1985) vive e trabalha em São Paulo. Com uma pesquisa voltada para a apropriação de imagens encontradas na internet e relacionadas a um cotidiano banal, a artista usa a pintura para explorar a conexão entre arte e vida, diluindo a imagem mítica que esta técnica carrega em seu histórico. Em sua série mais recente faz releituras de quadros célebres da história da arte, discutindo questões de gênero e outros discursos predominantes. Essa abordagem não só amplia nossa compreensão sobre a dinâmica de criação no ciberespaço, mas também evidencia como as plataformas digitais estão revolucionando a interação entre autores e leitores. A possibilidade de remixar, comentar e colaborar em tempo real redefine a própria natureza da autoria e do consumo cultural, promovendo uma era em que a criação é verdadeiramente coletiva e participativa.

Figura 4 – Exemplo da *bricoleur* Camila Soato.



Fonte: Zipper Galeria.

Morais (2021), também examina como o texto literário é reconfigurado no ambiente digital, revelando novas e fascinantes formas de interação e autoria que emergem na cibercultura. Um exemplo particularmente significativo desse fenômeno é o vídeo-poesia, uma forma híbrida que combina elementos textuais e audiovisuais. O vídeo-poesia não é apenas uma sobreposição de palavras e imagens, mas sim uma reinvenção do próprio conceito de texto literário, ampliando suas dimensões e possibilidades expressivas.

No ambiente digital, a literatura se entrelaça com outras mídias e formas de arte, resultando em textos que não são apenas lidos, mas vividos e experienciados de maneira mais imersiva. O vídeo-poesia, por exemplo, mistura poesia com vídeo, criando uma experiência multimodal onde o texto é enriquecido por elementos visuais e sonoros. Essa abordagem não só amplia as formas de expressão literária, mas também altera a maneira como os leitores interagem com o conteúdo. Em vez de um texto estático, o vídeo-poesia oferece uma narrativa dinâmica que pode ser explorada de diferentes formas, dependendo das escolhas de visualização e interpretação do espectador.

Essa evolução do texto literário reflete uma mudança mais ampla na forma como consumimos e produzimos conteúdo na era digital. As fronteiras entre as formas tradicionais de mídia e as novas mídias digitais estão se tornando cada vez mais tênues, permitindo a criação de obras que desafiam categorizações rígidas e promovem novas formas de engajamento. O vídeo-poesia é apenas uma das muitas inovações que exemplificam como a cibercultura está transformando o campo da autoria e da interação literária, oferecendo novas oportunidades para a experimentação e a expressão criativa.

Além disso, essas novas formas de produção literária expandem os limites da narrativa, integrando elementos multimodais, como som, imagem e movimento, para enriquecer a experiência do leitor-espectador. Essa convergência de linguagens ressignifica o papel do autor e do público, criando espaços colaborativos onde a criação e a interpretação são compartilhadas e continuamente renovadas.

DO TEXTO AUDIOVISUAL À PROPOSTA ESTÉTICA DE “ATERRO, TECNOLOGIA ANCESTRAL”

No documentário “Aterro, Tecnologia Ancestral”, a ideia de bricolagem, de se fazer com aquilo que se têm em mãos, que Rocha (2017) descreve como uma espécie de alegoria da gambiarra, é usada de forma bastante consciente. A direção de arte do filme aposta em elementos "gambiarrísticos" para criar um visual único. Essas gambiarras não

só ajudam a dar um estilo visual ao filme, mas também carregam um significado estético, alegórico e político. Isso é bem parecido com o que a gente vê no cinema dos coletivos Ceicine e Produtora Filmes de Plásticos, o primeiro de Ceilândia (no Distrito Federal) e o segundo de Contagem (Minas Gerais).

A figura 5 mostra um exemplo de como essa abordagem é aplicada em uma cena do filme do coletivo Ceicine, em que o carro do próprio diretor é utilizado como cenário e recurso estético, evidenciando como a gambiarra pode ser uma ferramenta criativa e crítica no audiovisual.

Figura 5 - Cena do Filme “A cidade é uma só?”



Fonte: Embaúba Filmes.

Ao integrar elementos cotidianos e reutilizáveis, como objetos descartados ou espaços comuns, o documentário “Aterro” evidencia o poder da gambiarra em transformar limitações em poder criativo. Rocha (2017) destaca que essa estética de reaproveitamento não reflete apenas a realidade social e econômica das comunidades retratadas, mas também subverte a lógica capitalista, que prioriza o consumo e a obsolescência programada.

Em “Aterro”, essas escolhas visuais não são meramente funcionais, mas antes dialogam com o contexto cultural e político, propondo uma crítica ao abandono de tecnologias ancestrais e à falta de valorização das práticas locais. Isso demonstra como o audiovisual pode ser uma ferramenta de resistência cultural e política, de criação de narrativas outras, como apontado por Medeiros e Siqueira (2020, p. 111) que afirmam ser “possível falar sobre como o audiovisual, especialmente aquele produzido nas margens, atua no processo de disputa do imaginário e abre brechas para propostas decoloniais de conhecimento e poder”⁵ (tradução própria), ao mesmo tempo em que valoriza as vozes e histórias marginalizadas.

⁵ “it is possible to talk about how the audiovisual, especially the one produced on the margins, acts in the process of disputing the imaginary and opens gaps for decolonial proposals of knowledge and power” (Medeiros; Siqueira, 2020, p. 111).

Essa abordagem também se alinha à ideia de cibercultura discutida anteriormente por Lévy (1999), na qual a criatividade coletiva e a apropriação de recursos disponíveis são pilares centrais. Assim como a gambiarra é um ato de ressignificação no cinema, na cibercultura ela se manifesta na remixagem digital e na produção colaborativa de conteúdo, onde limites tecnológicos são transpostos por meio de inovação comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas ao longo deste artigo demonstram que, apesar das diferenças aparentes entre a tese "Humor e Interatividade" e o documentário "Aterro, Tecnologia Ancestral", ambas as obras se entrelaçam na forma como exploram a comunicação, a interação e a ressignificação de tecnologias. A interseção entre os estudos da cibercultura e as tradições tecnológicas ancestrais evidencia um ponto crucial: a coexistência dinâmica entre o tradicional e o contemporâneo, entre a oralidade e a digitalização, entre o local e o global.

O WhatsApp, ao transformar as relações interpessoais e ressignificar a interatividade na comunicação digital, possibilita novas formas de autoria coletiva e de interação social. Enquanto isso, o documentário de Anna Maria Moura resgata e valoriza práticas culturais marginalizadas, reafirmando a importância das tecnologias ancestrais na contemporaneidade. Ambos os trabalhos reforçam a ideia de que a tecnologia não deve ser vista apenas como inovação digital, mas também como a perpetuação e adaptação de saberes tradicionais.

A análise também aponta para a necessidade de um olhar mais atento sobre os processos de interação e autoria em diferentes contextos. Conceitos como "sujeito interautor" e "lautor" ajudam a compreender o papel ativo dos indivíduos na construção e ressignificação dos discursos, seja no ciberespaço ou nas práticas culturais locais. Esse hibridismo entre comunicação globalizada e manifestações culturais regionais não apenas desafia as hierarquias tradicionais de conhecimento, mas também sugere caminhos para uma reflexão mais ampla sobre a sustentabilidade e a inclusão de diferentes formas de saber.

Por fim, este estudo reforça a urgência de valorizar as tecnologias ancestrais não como resquícios do passado, mas como parte essencial de um ecossistema de conhecimento vivo e em constante transformação. Seja através da interatividade digital ou da preservação de práticas tradicionais, é imprescindível reconhecer que a evolução tecnológica não se dá apenas pelo avanço digital, mas também pelo resgate e pela reinvenção de formas de comunicação e existência que resistem ao tempo.

REFERÊNCIAS

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MEDEIROS, Giulia; SIQUEIRA, Aline Wendpap Nunes de. Audiovisual as possibility of disputing imaginaries by the prison population. In: GUERREIRO, Ana; HENRIQUES, Marco Ribeiro; CASTILHOS, Daniela (orgs.). **Proceedings Book of the International Symposium on Gender and Prison Culture**. Coimbra (PT): Editora JUS XXI, 2020. Disponível em: https://iris.unito.it/retrieve/e27ce430-ba7c-2581-e053-d805fe0acbaa/ResumosSigep_VersaoFinal.pdf. Acesso em: 03 abr. 2025.

MORAIS, Waleska Cristina Moreira. **Cibercultura e letramento poético digital: as interfaces da leitura**. 2021. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2021.

MOURA, Anna Maria. **Aterro: tecnologia ancestral: projeto de documentário sobre saberes populares**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Radialismo) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, 2023.

ROCHA, Iomana. A gambiarra e o alegórico no cinema contemporâneo brasileiro. *Arteriais – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, v. 3, n. 4, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/rt/prINTERfriendly/4864/0>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SIQUEIRA, Aline Wendpap Nunes de. **E se o vento levou, o Whats prantchou?** Curitiba: Editora Appris, 2020.